Brocantes: arquivo de uma geração de escola

Angélica Vier Munhoz

Os papéis desaparecem ao longo do nosso tempo. Nada mais deixamos registrado em suporte físico. Dos sulcos de uma pena sobre o papel aos códices manuscritos, da tipografia impressa à escrita nas telas, escreve-se hoje para desaparecer – e nada é comparável a essa revolução eletrônica, afirma Roger Chartier (1999). Para o autor, a transformação de uma cultura manuscrita em uma cultura impressa não foi tão absoluta, pois ambas se baseavam na mesma estrutura do códex: folhas dobradas certo número de vezes, cadernos montados, costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação, distribuição do texto na superfície da página, paginações, numerações, índices, sumários etc. Há, portanto, diz Chartier (1999, p. 9), "uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso, embora durante muito tempo tenha se acreditado numa ruptura total entre uma e outra". Com o texto eletrônico, a escrita perde sua espessura histórica, tornando-se algo mais próximo de uma fala evaporada do que de um testemunho. Para Jacques Derrida (2011), a escrita sempre foi uma questão de vestígio (*trace*, diria ele), isto é, de uma marca que remete à ausência, ao passado, a algo que já não está ali. O vestígio é o que resta, o que testemunha. Escrever, nesse sentido, era imprimir sinais que resistem ao tempo e ao desaparecimento do autor. Escrevia-se para guardar. Escrevia-se para fazer durar. O que parece estar em jogo na era digital é o desaparecimento dos vestígios. O texto deixa de ser arquivo e passa a ser mutável e editável até a invisibilidade. Escreve-se, mas cada vez menos se inscreve, tal como diz Flusser:

> Escrever era originalmente fazer uma incisão sobre um objeto, para o qual se usava uma ferramenta cuneiforme (um "estilo"). Certamente, não se escreve mais assim. Hoje, ao escrever, usa-se normalmente tinta sobre uma superfície. Não há mais inscrições, ao contrário, escreve-se por meio de uma sobrecrição (Flusser, 2010, p. 25).

Assim, se as formas e suportes de escrita mudaram, modificaram-se também as maneiras de ler, a relação do lugar do escrito na produção dos saberes, a relação do escrito com a troca das emoções e afetos, a relação do corpo com o livro. Nas palavras de Chartier (2010, p. 8), "[as] mutações de nosso presente transformam, ao mesmo tempo, os suportes da escrita, a técnica de sua reprodução e disseminação, assim como os modos de ler". Acrescida a isso, a efemeridade digital implica uma transformação no sujeito que escreve: já não almeja inscrever-se na história, mas escreve para algoritmos, para instantes de atenção ou para um prazer momentâneo. Há um processo de desmaterialização, de modo que a escrita se torna um acontecimento sem corpo.

Lembremo-nos, contudo, de que, antes da digitalização da vida íntima e social, escrevíamos cotidianamente em papéis, e cada anotação carregava consigo um gesto, um tempo e uma intenção: cartas pessoais e amorosas, carregadas de afeto, distância e espera; diários e cadernos íntimos; bilhetes e recados; cadernos escolares; pequenas notas rascunhadas, receitas, listas de compras, agendas, manuscritos literários. Dos nossos papéis escritos, muitos guardávamos em lugares domésticos – gavetas, baús, caixas –, os quais conservavam não apenas o conteúdo das palavras, mas os gestos da escrita, a caligrafia, o cheiro do papel, as rasuras. De tempos em tempos, voltávamos a eles para tocar, folhear, reler com as mãos, rememorar. Guardar papéis era um modo de arquivar a si mesmo, diz Phillipe Artières (1998). Uma prática singular e familiar, muitas vezes silenciosa, que servia para lembrar, preservar, reencontrar.

O grande paradoxo parece residir no fato de que se, por um lado, não mais exercemos essa prática de guardar nossos papéis pessoais, por outro, nos tornamos guardiões de arquivos domésticos, pois a nossa existência depende dos documentos que, para responder a essa

injunção autobiográfica, arquivamos, gravamos, salvamos, deletamos. Há um desejo de arquivar, mas isso é ambivalente: acumula-se um excesso de dados, mas pouco é lido, selecionado, rememorado, cuidado.

Em um belo livro chamado *Sobrevivência dos vagalumes,* Didi-Huberman (2011) propõe uma contraimagem à tese do cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, que lamentava o fim dos vagalumes na Itália, como imagem de resistência a uma determinada cultura. Para Didi-Huberman (2011), os vagalumes ainda estão lá. Eles não desapareceram, mas tornaram-se mais difíceis de ver. Sua luz é tênue, frágil, descontínua. É justamente essa intermitência que os torna signos potentes de sobrevivência. "Para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência", diz Didi-Huberman (2011, p. 52). Ainda que não escrevamos mais nossas vidas, não arquivemos mais nossos papéis pessoais, não deixemos muitos rastros de nós mesmos, podemos encontrar vestígios daqueles que antes de nós o fizeram e que, de algum modo, continuam emitindo sinais, a partir dos quais é sempre possível dizer: há algo aqui.

Guardar, arquivar, resistir

Entre o final do século XIX e o começo do século XX, com as transformações urbanas e industriais, iniciou-se, em alguns vilarejos franceses, uma prática bastante inusitada, relacionada a um mercado de segunda mão que se organizava em torno de objetos e papéis antigos, usados ou considerados obsoletos. *Brocantes* foi o nome designado a essa circulação de documentos e objetos antigos. *Brocanteur*, por sua vez, foi o nome dado ao sujeito que vende e compra objetos e papéis usados, comuns e populares, diferindo-se do *antiquaire*, que vende e compra peças raras e valiosas. Assim, as *brocantes* francesas tornaram-se o lugar de circulação onde os vestígios da vida ordinária se inscrevem sob formas singulares: cartas esquecidas, cadernos escolares, álbuns de fotografias, diários íntimos, talheres, tecidos manchados pelo uso, documentos antigos, papéis avulsos, manuscritos, livros com dedicatórias ou anotações, revistas, mapas, partituras, gravuras e outros tipos de relicários pessoais. Trata-se da exposição de fragmentos de vidas, de arquivos íntimos e anônimos da história coletiva, daquilo que sobra e persiste. Sem catalogação, os objetos e papéis são dispostos ao acaso pelo brocanteur, oferecendo ao olhar atento a possibilidade de reconstruir histórias e práticas sociais e afetivas. Talvez elas digam menos sobre o que se viveu do que sobre como se viveu (e se resistiu) em determinados tempos.

Com base na prática das *brocantes*, criamos o projeto *Palavras e coisas da escola: uma perspectiva arquivística*[1], aprovado no edital 09/2022, Bolsa Produtividade em Pesquisa CNPq, e iniciado em março de 2023. A ideia era, por meio de *brocantes*[2], feiras organizadas em praças e espaços públicos, recolher papéis produzidos pela escola a partir do início do século XX.

Os papéis que interessam ao Projeto Brocantes não são apenas os documentos institucionais que contam uma genealogia da escola, mas também aqueles que dizem das vidas dos que passaram por ela. Organizar esse arquivo público tem por propósito dar a ver o que produzimos documentalmente *na* e *pela* escola durante mais de um século.

Porém, não se trata só disso, pois o projeto tem como fundo teórico-metodológico a perspectiva de arquivo de Michel Foucault, e, no rastro do filósofo (Foucault, 2015), o arquivo não diz respeito ao conjunto de papéis velhos que guardamos; ele só existe se há pessoas dispostas a ler, consignar, reunir, selecionar esses documentos. Nas palavras de Foucault (2015, p. 34), o arquivo está ligado, por um lado, a "um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si uma existência remanescente no campo de uma memória". Assim, o arquivo não é só uma forma de guardar, mas um modo de deixar persistirem certos gestos e subsistirem certas palavras, um meio de fazer existir o relicário de algumas vidas. Um relicário feito de restos, rastros, papéis desbotados e silêncios inscritos, guardando e rememorando o que escapa, o que nunca teve lugar no cânone, mas insiste em permanecer.

Os papéis que arquivamos no Brocantes mostram uma memória menor da escola. Por vezes, o que chega são documentos empoeirados, folhas amareladas, rasuradas, rasgadas em partes, que testemunham uma dispersão de enunciados escolares, produzidos em determinado tempo; outras vezes, são materiais bastante ordinários, comuns, corriqueiros. No limite, são pedaços de escritas, narrativas inacabadas do cotidiano escolar. Papéis singulares, sem grandes destinos, sem grande importância, mas que, em certo momento, haviam sido escolhidos para serem conser-

1 O projeto Palavras e coisas da escola: uma perspectiva arquivística é desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates), existente desde 2013.

2 Acabamos designando o projeto como "Brocantes", por isso, a partir deste ponto do texto, não está mais sinalizado em itálico como palavra estrangeira.

vados ou tinham recebido espaço em algum lugar doméstico. Não são, portanto, arquivos sacralizados, acervos históricos, patrimônios biográficos. São vestígios, fragmentos de vidas escolares, expostos de forma desordenada. São arquivos de escolas.

Constituir um arquivo começa sempre com "um gesto de separar, digamos, de triar, de escolher, ou de selecionar, mas também de recolher, de coletar, de reunir. Separar é reunir", diz Serge Margel (2017, p. 120). Esse gesto consiste em dar uma nova ordem para as coisas. Não é só mudar o lugar, mas também o estatuto do objeto, o seu valor como objeto de saber, como prática, como rastro de memória ou de esquecimento.

Após recolha, catalogação e retirada dos dados sensíveis de cada documento, têm início as tarefas de leitura, triagem e seleção dos materiais do arquivo escolar produzido. Arlette Farge (2009) ajuda-nos a compreender que é sempre difícil saber o que escolher e o que abandonar, decidir entre "o essencial e o inútil, o necessário e o supérfluo, o texto significativo e um outro que se julgará repetitivo" (Farge, 2009, p. 71), pois o que se tem são sempre palavras e imagens esparsas, elementos dispersos de realidade. Disso decorre também que, "depois do prazer físico da descoberta do vestígio, vem a dúvida mesclada à impotência de não saber o que fazer dele" (Farge, 2009, p. 18).

Em meio aos papéis corriqueiros da escola, alguns saltam aos olhos. Contudo, o que interessa não é cada documento em particular, mas a relação entre eles, as séries, as repetições e diferenciações. Por isso, no trabalho de arquivo, após selecionar o documento e extrair o que dele se destaca, é necessário aproximá-lo de outros para ver as suas semelhanças, suas descontinuidades. Tudo se dá, como diz Didi-Huberman, em um trabalho de mesa de montagem, em que se "separa[m] coisas habitualmente reunidas e [se] conecta[m] as coisas habitualmente separadas" (Didi-Huberman, 2017, p. 123). Monta-se e remonta-se a massa textual para poder dispô-la de outra forma. A montagem e reescrita do arquivo escolar produzido têm nos possibilitado identificar um determinado modo de pensar a escola, suas regras de funcionamento, suas produções de sentido em dada temporalidade, além de darem a ver como sobrevivem alguns gestos pedagógicos que envolvem o ensinar, o avaliar, o registrar, ainda que, por vezes, reconfigurados.

Fazer persistirem as palavras escolares

"Não se ressuscitam vidas encalhadas em um arquivo. Isso não é motivo para deixá-las morrer uma segunda vez", afirma Farge (2009, p. 117). Devolver a vida aos documentos escolares, devolver à escola o que é da escola, parece ser o propósito do Projeto Brocantes. Trata-se de retirar tais documentos da condição de matéria morta, de arquivo inerte, e de dar-lhes vida novamente, devolvendo ao uso comum o que foi abandonado ou esquecido, como um gesto de fazer algo durar, neste tempo de obsolescência. Talvez seja um ato de resistir, pois nos coloca a pensar contra o nosso tempo.

Para que a vida se mantenha em movimento (não importa em qual direção) caberia aos contemporâneos uma atitude nem de rechaço, nem de submissão contemplativa da matéria constituída, não obstante fragmentária, turva e indócil, que chega até nós, mas, exatamente, a escolha de preservá-la viva por intermédio de sua permanente reconstituição. Tratar-se-ia, portanto, de reinserir tal matéria no jogo ininterrupto e instável do tempo, a fim de que ela não fosse condenada à elisão do esquecimento. Em suma, cumprir-nos-ia deixar para os que virão aquilo que, não obstante inteiramente reconstituído por nós, já nos havia sido deixado pelos que se foram (Aquino, 2014, p. 185).

Os papéis sempre ocuparam um lugar privilegiado na escola. Lugar sagrado, mas também profano. Guardião das palavras escritas na sua forma final e absoluta, da memória e da "correta" aprendizagem dos conteúdos, do suporte para a reprodução de universais, do registro de normas e regras de conduta e funções disciplinares – as práticas escriturais afiguraram-se como um dos pilares da escola moderna (Aquino, 2011). Ao mesmo tempo, os papéis escolares ocuparam o lugar do profano, do que estava fora da ordem do discurso pedagógico – as leituras marginais, os bilhetes escondidos do professor durante as aulas, as inscrições nos banheiros das escolas, as notas nos cantos dos cadernos. Tudo isso se entrevia junto com os manuais, as escritas moralistas, os recados disciplinares, os chamamentos dos professores para melhorar a letra e a caligrafia, as atitudes e o comportamento, a "conversa paralela" nas aulas. Afinal, afirma Ó (2019, p. 107), "aí estão intactos e implacáveis,

há séculos, os estabelecimentos de ensino, para nos mostrar que tem de haver uma ordem no discurso e que toda e qualquer palavra se filia num regime de autoria e verdade".

Como controlar a circulação das palavras uma vez escritas? As palavras dizem das condições de existência de um saber, como também do acontecimento de uma época. As letras mortas também falam, mas não falam por si; é preciso dar-lhes nova existência. Daí que o trabalho do arquivo e, neste caso, do arquivo do Brocantes, consiste em dar uma nova vida às palavras escolares, fazendo-as falar outra vez. Não para dizer o mesmo, não para dizer o que já sabemos sobre as práticas de ensino anacrônicas, de ontem e de hoje, tampouco para interpretar o que se passou. Talvez seja mesmo para nos perguntar: o que as palavras escritas na escola, pela escola, sobre a escola, no passado, ainda têm a nos dizer hoje?

Referências

AQUINO, Julio Groppa. A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 641-656, set./dez. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/b7FFTzshGGNFw63pYvxCtjs/?format=html&lang=pt. Acesso em: 2 set. 2025.

AQUINO, Julio Groppa. **Da autoridade pedagógica à amizade intelectual: uma plataforma para o éthos docente.** São Paulo: Cortez, 2014.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Tradução de Dora Rocha. **Estudos Históricos**, São Paulo: UNESP, n. 21, 1998. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/arquivar_a_propria_vida.pdf. Acesso em: 2 set. 2025.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CHARTIER, Roger. **Escutar os mortos com os olhos.** Tradução de Jean Briant. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 1-30, 2010.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia.** Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição: o olho da história I.** Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo.** Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FLUSSER, Vilém. **A escrita: há futuro para a escrita?** Tradução de Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

MARGEL, Serge. **Arqueologias do fantasma: técnica, cinema, etnografia, arquivo.** Tradução de Maurício Chamarelli e Anne Dias. Belo Horizonte: Relicário, 2017.

Ó, Jorge Ramos do. **Fazer à mão: por uma escrita inventiva na universidade.** Lisboa: Edições de Saguão, 2019.